



INSTITUTO FEDERAL
São Paulo
Campus São Paulo

REGRASP

Território de ação e pertencimento: relato de experiência de campo na Favela dos Eucaliptos, Santo André-SP

Territory of action and belonging: field experience report in Favela dos Eucaliptos, Santo André-SP

Igor Pereira Minello

Graduando em Geografia
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo campus São Paulo
<https://orcid.org/0009-0006-5231-7239>
igorminello1@gmail.com

Juliana de Lima Silva

Graduando em Geografia
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo campus São Paulo
<https://orcid.org/0009-0004-6541-8579>
juliana-lima-silva@hotmail.com

Paulo Roberto de Albuquerque Bomfim

Doutor em Geografia Humana e Professor do IFSP - Campus São Paulo.
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo campus São Paulo
<https://orcid.org/0000-0001-7120-0710>
albuquerquebomfim@ifsp.edu.br

Histórico do artigo

Recebido em: 09.09.2026

Revisões solicitadas: 24.09.2026

Versão reformulada recebida: 24.09.2026

Aprovado em: 01.10.2026

Publicado em: 01.10.2026

RESUMO

Este relato de experiência contextualiza a atividade de campo realizada na Favela dos Eucaliptos, em Santo André (SP), por estudantes de Licenciatura em Geografia do IFSP - Campus São Paulo. O objetivo foi investigar a produção socioespacial do território, analisando as contradições entre a infraestrutura precária, a ausência estatal e as táticas comunitárias de apropriação do espaço. O método baseou-se na observação participante, na realização de percursos comentados e no diálogo direto com moradores e lideranças locais, articulados aos referenciais teóricos da Geografia Crítica, Humana e Física. Os resultados revelaram acentuadas desigualdades socioespaciais, riscos ambientais e invisibilidade cartográfica. Conclui-se que a Favela dos Eucaliptos ultrapassa a dimensão comum da carência material, constituindo-se como um território vivo de resistência, pertencimento, solidariedade e ativa transformação social por meio da organização coletiva.

Palavras-chave: planejamento crítico; territorialidades; pertencimento; contracartografias; favelas.

ABSTRACT

This experience report contextualizes the fieldwork activity conducted in Favela dos Eucaliptos, in Santo André (SP), by Geography undergraduate students from IFSP - Campus São Paulo. The objective was to investigate the socio-spatial production of the territory, analyzing the contradictions between precarious infrastructure, state absence, and community tactics of spatial appropriation. The methodology was based on participant observation, guided walks, and direct dialogue with local residents and leaders, articulated with theoretical frameworks from Critical, Human, and Physical Geography. The results revealed marked socio-spatial inequalities, environmental risks, and cartographic invisibility. It is concluded that Favela dos Eucaliptos goes beyond the common dimension of material deprivation, constituting itself as a living territory of resistance, belonging, solidarity, and active social transformation through collective organization.

Keywords: critical planning; territorialities; belonging; counter-cartographies; favelas.

Introdução

Esse relato de experiência foi elaborado a partir de um relatório de campo, realizado na matéria Teoria e Método da Geografia do curso licenciatura em Geografia, no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo - Campus São Paulo (IFSP SPO). Inicialmente, adotou-se como ponto de partida a produção social do espaço urbano, entendendo que essa deve ser analisada à vista das margens da cidade, onde as contradições estatais e táticas diferentes de sobrevivência são comparadas de uma forma explícita quando mudamos nosso olhar do meio urbano para a periferia da cidade. As reflexões apresentadas resultam do trabalho de campo realizado na Favela dos Eucaliptos, inserida no bairro Cata Preta - Santo André, no dia 16/05/2026. Durante a atividade, foram registradas observações do trajeto percorrido, da região urbana e da própria favela, termo aqui utilizado pela preferência manifestada pelos residentes da localidade. Portanto, essa nomenclatura será mantida ao longo de todo o relato de experiência.

Para compreender as dinâmicas observadas durante o percurso e na permanência no território, recorreu-se às categorias fundamentais da Geografia Crítica, da Geografia Humana e da Geografia Física, com destaque para os referenciais teóricos de Milton Santos, Rogério Haesbaert e Aziz Ab'Saber. Nessa perspectiva, Santos (2002) compreende o espaço geográfico não como um suporte físico ou um cenário estático, mas resulta da interação entre os sistemas de objetos (fixos), representados pelas ruas, moradias, infraestrutura e características do relevo, e os sistemas de ações (fluxos), expressos nas práticas cotidianas, nas relações sociais e nas dinâmicas estabelecidas pelos moradores.

À luz desse referencial teórico, buscou-se analisar a Favela dos Eucaliptos a partir da relação entre objetos e ações, com base nas contribuições dos autores citados anteriormente. O objetivo foi compreender a produção do espaço local, concebendo a cidade não como um espaço passivo ou reduzido às suas estruturas físicas, mas como um território em constante transformação, produzido pela relação entre as formas materiais existentes e as práticas sociais desenvolvidas pelos moradores.

Nesse sentido, as estruturas urbanas articulam-se às dinâmicas sociais, às formas de organização comunitária e às estratégias construídas pela população no cotidiano. As ações comunitárias desenvolvidas pela Rede Beija-Flor constituem um exemplo concreto desse processo, evidenciando como os moradores participam ativamente da produção e ressignificação do espaço em que vivem.

A Rede Beija-Flor é conhecida pela organização de bibliotecas comunitárias situadas em territórios socialmente vulneráveis de Santo André (SP). Com foco direto na literatura como direito humano, atua no fortalecimento de espaços de leitura viva, enraizados nas comunidades. Atualmente, conecta iniciativas autônomas como as bibliotecas da Favela dos Eucaliptos (bairro Cata Preta), do Núcleo Sacadura Cabral e do Parque Andreense. Reconhecida nacionalmente, integra a Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias (RNBC) e já foi premiada por sua atuação com mediação de leitura e promoção da cultura nas periferias (Ferreira, 2026).

Durante a atividade de campo, uma das representantes da Rede Beija-Flor, Fabiana Ferreira, acompanhou e conduziu o grupo ao longo do percurso, compartilhando informações sobre o território e as iniciativas desenvolvidas pela organização. Fabiana Ferreira é graduada em Geografia pelo Centro Universitário Fundação Santo André (2006), mestre em Geografia (Geografia Física) pela Universidade de São Paulo (2013) e doutorado em Geografia Física (2020/ em andamento) pela Universidade Federal de Pernambuco. Atua principalmente nas áreas de percepção ambiental, cartografia, geomorfologia, impactos e escorregamentos (Ferreira, 2026).

As informações apresentadas durante a visita possibilitaram compreender como a Favela dos Eucaliptos se organiza e se mobiliza por meio da apropriação e da ressignificação de uma base material originalmente marcada pela precariedade, e em um contexto com pouquíssimo apoio do poder público. O relato de experiência inicia-se com uma caracterização física e social da área analisada, localizada no município de Santo André (SP) no ABC Paulista, no bairro Cata Preta, conforme destacado na Figura 1. O grupo reuniu-se na confluência entre as ruas do Arco-Íris e dos Eucaliptos, onde foram iniciadas as atividades de campo.

Figura 1

BAIRRO CATA PRETA + PARTE DA FAVELA DOS EUCALIPTOS



Nota. Fonte: Mapas das Periferias, 2026.

A caracterização física do território permite compreender como as condições naturais do relevo influenciam as formas de ocupação e as vulnerabilidades existentes na Favela dos Eucaliptos. Localizada na região de Santo André (SP), inserida no domínio morfoclimático dos Mares de Morros e situada no Planalto Paulistano. Segundo Ab'Sáber (2003, p.17), o domínio dos Mares de Morros “constitui o meio físico, ecológico e paisagístico mais complexo e difícil do país em relação às ações antrópicas”. Esse domínio caracteriza-se pelo relevo mamelonar, com morros de topos arredondados e encostas, além da elevada suscetibilidade a processos erosivos e movimentos de massa. Tais características evidenciam a necessidade de planejamento urbano adequado e de estudos geotécnicos para orientar a ocupação do território e a implantação de obras de infraestrutura, contribuindo para a redução dos riscos associados aos aspectos naturais da área.

No recorte analisado, as limitações espaciais impostas pela topografia condicionam a expansão da ocupação urbana. Como as laterais do assentamento são delimitadas por barrancos profundos, o crescimento ocorre principalmente em direção às encostas, resultando em uma ocupação alongada e verticalizada, com moradias construídas de forma sobreposta ao longo do relevo. Essa dinâmica intensifica a pressão sobre o terreno e aumenta a vulnerabilidade das encostas. Nesse contexto, a elevada densidade construtiva, associada à precariedade da infraestrutura e à insuficiência de intervenções públicas, contribui para a

configuração do espaço como alto risco geológico, comprometendo a segurança das moradias e a qualidade de vida da população.

Somado a isso, é fundamental considerar o impacto do uso anterior da área com o plantio de eucalipto voltado à produção de papel e lenha. Esse tipo de cultivo apresenta elevada demanda hídrica, podendo influenciar a disponibilidade de água no solo e contribuir para processos de ressecamento e alterações no balanço hídrico local, em razão do crescimento rápido e das características de absorção de água da espécie, conforme apontado por De Vecchi e Magalhães Júnior (2018).

Para compreender a dimensão social do território, é importante ressaltar que a Favela dos Eucaliptos é formada, em grande parte, por moradores oriundos de outras comunidades, atraídos pela busca de moradias mais acessíveis ou deslocados por processos de gentrificação e exclusão socioespacial. Situada sobre uma área anteriormente destinada ao cultivo de eucaliptos para exploração madeireira, posteriormente abandonada, a ocupação desenvolveu-se em um terreno inserido no Parque Natural Municipal do Pedroso. Essas condições territoriais influenciaram a forma de ocupação do assentamento, resultando em um intenso adensamento habitacional e revelando a relação entre características ambientais, dinâmicas sociais e produção do espaço urbano.

Desenvolvimento

Inicialmente, o relatório de campo foi estruturado em dois momentos: o trajeto até a favela e a entrada direta na favela. O deslocamento teve início na Estação Brás, importante ponto de conexão do sistema de transporte sobre trilhos, incluindo o metrô e os serviços da Companhia Paulista de Trens Metropolitanos (CPTM). A partir desse ponto, seguiu-se pela Linha 10-Turquesa, que conecta a estação Palmeiras-Barra Funda, na capital paulista, à estação Rio Grande da Serra, no ABC Paulista. A observação realizada a partir das janelas do trem permitiu uma leitura geográfica geral da área. Durante o trajeto até a Estação Santo André, foram identificados diferentes tipos de paisagens industriais marcadas pelo conceito de rugosidade, entendido como formas espaciais herdadas de períodos históricos anteriores que permanecem na paisagem, ainda que ressignificadas pelos processos contemporâneos de produção do espaço (Santos, 2002), conforme é apresentado na **Figura 2**. Foi possível identificar diversos galpões industriais tradicionais, que anteriormente abrigavam atividades características do modelo fordista no ABC Paulista e que, atualmente, apresentam funções reconfiguradas em decorrência dos processos de globalização.

Figura 2

ANTIGAS FÁBRICAS QUE VIRARAM TRANSPORTADORAS

Nota. Fonte: Autoria Própria.

Ao desembarcar na Estação Santo André, realizou-se o deslocamento via transporte por aplicativo, até a Rua do Arco-Íris, 85, ponto focal de acesso à área da Cata Preta. O percurso entre a centralidade urbana de Santo André e a periferia revelou diferentes formas de organização do espaço urbano, evidenciando desigualdades nas condições de infraestrutura, acessibilidade e inserção nas dinâmicas urbanas da cidade. Na Rua do Arco-Íris, fomos recebidos por Fabiana Ferreira, responsável por nos guiar durante o período em que permanecemos no local. O impacto inicial da paisagem urbana da favela revelou um espaço de vivência imediata altamente coeso e comunitário, contrastando com a percepção de maior impessoalidade vivenciada nas áreas centrais.

Essa percepção inicial das relações de proximidade e pertencimento observadas no território pode ser compreendida a partir da concepção de território proposta por Rogério Haesbaert. Inicialmente, poderia-se interpretar que os moradores, ao deixarem seus territórios de origem para se estabelecerem na Favela dos Eucaliptos, passaram apenas por um processo de desterritorialização, marcado pela perda do espaço anteriormente ocupado. Entretanto, Haesbaert (2004) argumenta que a desterritorialização nunca é total, pois é acompanhada por processos de reterritorialização, nos quais novos vínculos sociais, culturais e territoriais são construídos. É esse movimento que se observa, embora muitos moradores tenham sido deslocados de seus territórios de origem, eles reconstruíram um novo espaço de pertencimento por meio das relações de solidariedade, do acolhimento e das redes comunitárias estabelecidas na Favela dos Eucaliptos.

A reconstrução desses vínculos, entretanto, não significa que os moradores disponham das mesmas condições para circular, acessar e se apropriar dos diferentes espaços urbanos. É nesse sentido que a noção de multiterritorialidade, apresentada por Haesbaert (2004), permite compreender como a inserção e mobilidade entre diferentes territórios são vivenciadas de forma desigual. No contexto observado na Favela dos Eucaliptos, essa experiência ocorre de maneira limitada, condicionada por situações de precarização

territorial. Enquanto grupos socialmente privilegiados dispõem de maior mobilidade e facilidade de acesso e apropriação de diferentes espaços urbanos, os moradores em situação de vulnerabilidade enfrentam restrições concretas a essa mobilidade. Nesse cenário, o local de moradia concentra parte significativa das relações sociais, redes de apoio e práticas cotidianas, assumindo papel central na organização da vida dos moradores.

Essa dimensão coletiva pôde ser observada de forma concreta na Horta Comunitária dos Eucaliptos (Figuras 3 e 5), primeiro ponto de parada do estudo. Trata-se de uma iniciativa resultante da parceria entre o Instituto Federal de São Paulo (IFSP) e o Ministério do Desenvolvimento Agrário e Agricultura Familiar (MDA). A implantação do projeto foi viabilizada a partir da articulação institucional entre o Instituto Federal de São Paulo (IFSP) e Fabiana Ferreira, tendo como espaço de implementação uma área por ela caracterizada como um “resto de terreno”, pertencente a um condomínio vizinho e que, até então, encontrava-se sem utilização. A partir das tratativas estabelecidas entre a Reitoria do IFSP e Fabiana Ferreira, foi possível viabilizar a utilização da área para a implantação da horta comunitária.

No processo de estruturação do projeto, o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) contribuiu com a disponibilização de equipamentos destinados ao desenvolvimento das atividades. Paralelamente, a participação em um projeto de âmbito federal possibilitou o acesso a incentivos que contribuíram para o fortalecimento da estrutura da horta, bem como para a obtenção de parte dos recursos necessários à sua implementação e manutenção. Embora esses aportes institucionais tenham contribuído para a implantação e estruturação da iniciativa, sua consolidação permanece condicionada às características socioespaciais e às limitações materiais do território em que se encontra inserida.

A ausência de infraestrutura básica, como água encanada e energia elétrica, constitui um dos principais desafios para o pleno funcionamento da horta. Essa limitação é agravada pelas condições ambientais e pelas características do terreno, que dificultam a implementação de soluções estruturais mais complexas, como a instalação de placas solares para a geração de energia elétrica no local. Diante dessas condições, são adotadas estratégias de adaptação, como o uso de caixas d’água como reservatórios para a captação de água da chuva, utilizada na irrigação e na manutenção dos cultivos.

O terreno onde atualmente se localiza a horta era anteriormente utilizado como ponto de descarte de resíduos pelos moradores, conforme apresentado na Figura 4. Essa situação foi modificada com a implementação da coleta seletiva na área. Atualmente, a produção apresenta caráter comunitário e não envolve a comercialização dos alimentos, que são destinados ao consumo e à distribuição entre os moradores. As atividades de gestão e manutenção ficam sob responsabilidade de dois bolsistas, que atuam tanto nos cuidados com os cultivos quanto na organização e distribuição dos alimentos produzidos.

A transformação desse espaço, observada durante a atividade de campo, evidencia processos de apropriação e resignificação do território, uma vez que uma área anteriormente associada ao descarte de resíduos passou a ser utilizada para a produção de alimentos e para o desenvolvimento de atividades de caráter comunitário. Nesse sentido, a horta constitui uma expressão concreta das formas pelas quais o território é produzido, apropriado e transformado a partir das relações estabelecidas entre os moradores e diferentes instituições.

Figura 3

PLACA DE IDENTIFICAÇÃO NA HORTA COMUNITÁRIA

Nota. Fonte: Autoria Própria.

Figura 4

REGISTRO DO TERRENO DA HORTA ANTIGAMENTE, MARÇO DE 2011

Nota. Fonte: GoogleMaps, 2026.

Figura 5

ÁREA ATUALMENTE OCUPADA PELA HORTA COMUNITÁRIA

Nota. Fonte: Autoria Própria.

Após a visita à horta comunitária, o grupo deu continuidade ao percurso pelo interior da Favela dos Eucaliptos, avançando em direção às áreas de maior altitude. Nesse trecho, a paisagem passou a apresentar moradias de pequena dimensão e vias de circulação marcadas pela presença de barro e terra exposta. A transição morfológica da Favela dos Eucaliptos acentua-se à medida que se inicia a subida topográfica do morro. Enquanto a entrada da favela apresenta vias pavimentadas com asfalto, o avanço em direção às cotas altimétricas mais elevadas evidencia uma progressiva precarização das condições de circulação. O asfalto cede lugar ao solo exposto, composto por barro e terra batida, configurando caminhos estreitos, desníveis topográficos acentuados e escadarias rudimentares e irregulares, que se tornam particularmente escorregadias em condições de umidade, conforme apresentado na Figura 6:

Figura 6

TRAJETO DIÁRIO DE MORADORES



Nota. Fonte :Autoria Própria.

Aproximadamente na metade da encosta, localiza-se um segundo equipamento de grande relevância simbólica: a "Biblioteca Topo do Morro", apresentada nas Figura 7. O nome, cunhado e atribuído pelas próprias crianças da favela, carrega uma profunda carga geográfica, muito embora o equipamento não esteja situado geometricamente no topo do morro. A denominação evidencia a percepção espacial e a apropriação lúdica do território pela infância periférica, ressignificando um espaço construído sobre um terreno de solo frágil e instável, marcado pela presença de barro exposto e por condições que variam entre períodos de lama e de intensa secura.

Figura 7

BIBLIOTECA TOPO DO MORRO



Nota. Fonte :Autoria Própria.

A precariedade da infraestrutura física desdobra-se em severas restrições aos direitos básicos de cidadania. Um exemplo dessa situação ocorre durante os períodos chuvosos, quando o acúmulo de lama pode atingir tal intensidade que compromete e, em alguns trechos, chega a impedir a circulação dos moradores.

Durante a incursão, colheram-se relatos de moradores que enfrentavam o desabastecimento crônico de água potável há mais de dois dias, evidenciando o racionamento velado e a exclusão das redes formais de saneamento básico. Ademais, foi relatado que nos setores mais elevados da favela (áreas que não foram acessadas pelo grupo em razão das condições das vias e dos riscos associados ao terreno), a própria rede de energia elétrica regular não chega, lançando os moradores na obscuridade técnica e na dependência de conexões informais precárias.

Contudo, um dos achados mais impressionantes do campo reside na dimensão da invisibilidade cartográfica. Apesar de estar situada em um dos municípios de maior relevância econômica do país (IBGE, s.d.; Prefeitura de Santo André, 2026), a Favela dos Eucaliptos convive com condições de extrema vulnerabilidade social e carência de serviços e recursos básicos. Essa situação é agravada pela precariedade do reconhecimento institucional da área, que, embora seja materialmente visível em imagens de satélite, não consta adequadamente nas cartografias oficiais e comerciais, configurando um vazio formal por não ser reconhecida nem identificada como unidade territorial. Essa invisibilização produz efeitos concretos no

cotidiano dos moradores, dificultando o acesso a serviços públicos e privados e comprometendo a efetivação do direito à cidade. Como estratégia para contornar uma dessas formas de negação territorial, a favela desenvolveu uma inovação técnica e territorial autônoma denominada CEP Virtual. Nesse sistema, cada residência exibe em sua porta um código alfanumérico composto por letras e números específicos, permitindo a identificação dos domicílios.

Tal realidade motivou iniciativas de mapeamento de risco realizadas pela Fabiana Ferreira (Figura 8), posteriormente apresentadas em audiência pública, com o objetivo de dar visibilidade ao território, promover seu reconhecimento institucional e evidenciar que os moradores vivem em uma área de risco, marcada por fragilidades ambientais, sociais e estruturais, decorrentes das condições físicas do local, da insuficiência de infraestrutura e a exclusão socioespacial.

Figura 8

MAPA: TERRITÓRIO DE INFÂNCIA: A BIBLIOTECA E OS PEQUENOS EXPLORADORES DO ALTO E BAIXO EUCALIPTOS



Nota. Fonte :Autoria Própria.

Após a visita à Biblioteca Topo do Morro, o grupo seguiu para a Biblioteca Comunitária, no começo da favela. No local, foi possível conhecer o líder comunitário Juvenildo, conhecido popularmente como Juvena. Por meio de uma breve palestra, ele apresentou o funcionamento da Rede Beija-Flor e explicou que o nome da iniciativa foi inspirado em uma fábula que simboliza a construção gradual de ações coletivas capazes de gerar impactos significativos no território. Dois aspectos da apresentação se destacaram. O primeiro foi a conquista do prêmio Periferia Viva, em 2025, como mostra a Figura 9, representando um reconhecimento externo do trabalho desenvolvido pela rede em diferentes esferas. O segundo foi a apresentação do lema da organização, “Comida no prato, livro na mão e bola no pé”, ilustrado na bandeira destacada na Figura 10. Esse lema sintetiza os três pilares de

atuação da Rede Beija-Flor, voltados à alimentação, educação e esporte como estratégias de transformação social no território.

Apesar do reconhecimento e da visibilidade alcançados, foi ressaltado que a favela ainda enfrenta condições de precariedade e desafios estruturais significativos. Nesse sentido, o trabalho desenvolvido pela Rede Beija-Flor busca enfrentar essas desigualdades de forma direta, atuando sobre dimensões centrais da vida cotidiana dos moradores.

No interior da biblioteca, observa-se um amplo acervo voltado a diferentes faixas etárias. Na área externa lateral, destaca-se um grafite muito importante para a história da favela. O grafite (Figura 11) constitui uma homenagem a uma criança que residia na favela e que faleceu precocemente. Na representação, destaca-se a palavra “ESCUTE” saindo de sua orelha, sugerindo uma mensagem direcionada às demais crianças da favela. Além da palavra, observa-se um escudo inspirado na simbologia da Seleção Brasileira, no qual a sigla “CBF” é substituída por “CPF”, acompanhado de um círculo e de um “X” em vermelho, elementos que remetem simbolicamente à violência e à perda.

Figura 9

TROFÉU DO PRÊMIO PERIFERIA VIVA 2025



Nota. Fonte :Autoria Própria.

Figura 10

BANDEIRA COM O LEMA DA ONG



Nota. Fonte :Autoria Própria.

Figura 11

GRAFITE PARTE EXTERNA DA BIBLIOTECA - AUTORIA DO TIO LEO



Nota. Fonte :Autoria Própria.

Após a conversa com o Juvena, o grupo retornou ao ponto de encontro original, onde foi apresentado ao Leonel de Araújo Limeira, apelidado carinhosamente como Léo Neguim e Tio Leo, grafiteiro, artista visual e educador popular do Jardim Alvorada, em Santo André (SP). Leonel integra o coletivo Macacolândia, que atua nas periferias por meio de ações relacionadas à arte, à cultura e à educação. Seus murais retratam memórias, lutas e sonhos dos territórios, fortalecendo a identidade e o pertencimento comunitário. Leonel também era o autor do grafite em homenagem à criança, mencionado anteriormente, e, no momento da visita, encontrava-se produzindo uma de suas obras. Durante a conversa com o grupo, compartilhou aspectos de sua experiência no território e explicou como os grafiteiros pensam e constroem suas obras, apresentando uma perspectiva diferente daquela previamente conhecida pelo grupo. Para isso, utilizou como recurso a própria obra que estava produzindo, que, naquele momento, ainda não possuía um nome definido.

O grafite (Figuras 12 e 13) é dividido em duas partes. A primeira apresenta um Curupira portando arco e flecha. Segundo Tio Léo, a substituição da flecha tradicional por um lápis representa uma mudança no sentido de proteção associado ao personagem, deslocando a ideia de defesa pela força para a defesa por meio da educação. A partir dessa explicação, o lápis pode ser compreendido como símbolo do estudo, da escrita e do conhecimento, apresentados como instrumentos de proteção e construção de possibilidades para o futuro das crianças da favela. A segunda parte apresenta um personagem fictício utilizando um estilingue, tendo um livro como objeto a ser arremessado.

A presença do estilingue, objeto associado à infância e presente em contextos periféricos e rurais como brinquedo ou instrumento rudimentar, estabelece uma relação com elementos do cotidiano infantil. Ao substituir a pedra por um livro, a obra constrói uma metáfora visual na qual o conhecimento é colocado em movimento e direcionado para além dos limites imediatos do território. Nessa perspectiva, o livro pode ser interpretado como uma forma de enfrentamento das barreiras relacionadas à exclusão social, enquanto a leitura, a educação e o acesso à informação aparecem como instrumentos de transformação. As duas ilustrações

articulam elementos do universo infantil a uma mensagem de resistência e transformação social por meio do conhecimento.

Figura 12

GRAFITE CURUPIRA COM ARCO E LÁPIS



Nota. Fonte :Autoria Própria.

Figura 13

GRAFITE ESTILINGUE E LIVRO



Nota. Fonte :Autoria Própria.

Ao final da palestra, o grupo se reuniu para registrar a experiência por meio de uma fotografia coletiva, apresentada na Figura 14. O registro simboliza não apenas o encerramento das atividades realizadas em campo, mas também a experiência de troca e aprendizado proporcionada pelo contato com a equipe da Rede Beija-Flor e com os moradores. Após a fotografia, o grupo se despediu dos integrantes da Rede Beija-Flor e dos moradores e iniciou o retorno, encerrando as atividades previstas para a visita de campo.

Figura 14

GRUPO REUNIDO NO FINAL DO TRABALHO DE CAMPO

Nota. Fonte :Autoria Própria.

Conclusão e Perspectivas

O trabalho de campo foi desenvolvido a partir da observação participante, articulada ao percurso comentado e ao mapeamento mental e visual das paisagens. Essa abordagem proporcionou uma vivência direta da Favela dos Eucaliptos, permitindo registrar suas características espaciais e compreender aspectos do cotidiano por meio dos relatos compartilhados por moradores, lideranças comunitárias e responsáveis pelos projetos locais. Dessa maneira, a experiência não se limitou à análise da estrutura física da área, mas também possibilitou perceber como o lugar é vivido, interpretado e transformado por aqueles que nele residem.

A proposta da visita não esteve voltada apenas para a identificação dos problemas urbanos e sociais presentes na comunidade. Buscou-se construir uma leitura mais ampla, considerando tanto as dificuldades encontradas quanto às ações desenvolvidas pelos próprios moradores. Ao longo do percurso, foram percebidas diferenças significativas nas condições socioespaciais entre as áreas mais baixas e as porções mais elevadas do morro. Enquanto alguns setores apresentam ruas pavimentadas e melhores condições de acessibilidade, outros possuem vias de terra e barro, cuja circulação se torna ainda mais difícil durante os períodos de chuva. A expressão local “amassar barro” sintetiza essa realidade, estando relacionada às dificuldades enfrentadas no deslocamento pelas partes mais altas da encosta.

As condições de infraestrutura também apareceram como uma das principais questões identificadas durante o estudo. Os relatos obtidos evidenciaram problemas relacionados ao acesso a serviços básicos, especialmente ao abastecimento de água. Durante a atividade, uma moradora relatou estar há dias sem água, demonstrando que a precariedade desses serviços interfere diretamente na rotina da população. Também foram identificadas moradias com condições estruturais frágeis e situações de risco associadas às características do terreno e à presença de grandes eucaliptos próximos às residências.

Ao longo do percurso, percebeu-se ainda que os moradores, as lideranças comunitárias e os responsáveis pelos projetos locais possuem consciência das dificuldades enfrentadas pela comunidade. Questões como a precariedade da infraestrutura em determinadas áreas, os obstáculos à mobilidade, a falta de abastecimento de água relatada por moradores e os riscos associados à ocupação do espaço não foram ocultados ou minimizados. Pelo contrário, esses desafios foram apresentados de maneira clara e crítica durante as conversas e atividades realizadas. Essa percepção foi importante para compreender que a população reconhece as limitações existentes e, ao mesmo tempo, procura diferentes formas de lidar com elas.

Por outro lado, o trabalho também revelou diversas ações que contribuem para o fortalecimento social e cultural da região. A horta comunitária, as bibliotecas, os grafites e as atividades desenvolvidas pela Rede Beija-Flor demonstram formas de organização construídas pelos próprios habitantes e por pessoas que atuam junto à comunidade. Essas experiências abrangem alimentação, educação, cultura, esporte e convivência, mostrando que, mesmo diante das limitações estruturais, são criadas alternativas voltadas à melhoria da qualidade de vida e ao fortalecimento dos vínculos coletivos.

As manifestações artísticas encontradas durante o percurso também revelam a importância da cultura na construção da identidade local. Os grafites observados não cumprem apenas uma função estética, mas apresentam memórias, mensagens e representações relacionadas à realidade vivenciada na comunidade. O contato com o grafiteiro Tio Léo permitiu conhecer mais de perto o processo de elaboração dessas obras e compreender como elementos presentes nas pinturas podem assumir significados relacionados à educação, à infância, à violência, à resistência e à transformação social. Assim, as próprias paredes e construções passam a funcionar como espaços de expressão e comunicação.

Outro aspecto que chamou atenção foi a presença de relações de proximidade e solidariedade entre os moradores. Em diferentes momentos, percebeu-se como as pessoas conhecem a rotina umas das outras, acompanham situações vivenciadas pela comunidade e se mobilizam diante de necessidades comuns. Essa característica se diferencia da percepção de maior impessoalidade encontrada em áreas mais centrais e densamente urbanizadas. Na Favela dos Eucaliptos, a dimensão territorial mostrou-se constituída não apenas pelas casas, ruas e demais estruturas físicas, mas também pelas relações de cuidado, convivência, apoio e cooperação estabelecidas cotidianamente.

Um dos momentos mais significativos foi o relato da professora Fabiana sobre a construção do mapa “Território de Infância: a Biblioteca e os Pequenos Exploradores do Alto e Baixo Eucaliptos” (Figura 15). A elaboração contou com a participação das crianças, que contribuíram para identificar pontos de referência e características relevantes do cotidiano, como áreas sujeitas a alagamentos, espaços de convivência e locais de circulação. A experiência demonstrou que, mesmo os mais jovens, possuem conhecimentos próprios sobre a realidade em que vivem e podem contribuir para sua representação a partir de percepções construídas no dia a dia.

A elaboração coletiva desse material reforça a importância dos saberes produzidos pela própria população. Nesse caso, a cartografia não aparece somente como uma representação técnica, mas também como forma de registrar experiências, identificar problemas e reconhecer lugares significativos para quem vive na área. Ao participar desse processo, as crianças assumem também o papel de produtoras de conhecimento, fortalecendo o sentimento de pertencimento e sua participação na construção da representação do lugar onde vivem.

Diante disso, a experiência permitiu perceber que a Favela dos Eucaliptos não pode ser definida apenas pelas carências identificadas durante o percurso. As limitações relacionadas à infraestrutura, à mobilidade, ao abastecimento de água e aos riscos socioambientais são

concretas e precisam ser consideradas na análise das desigualdades presentes na região. Entretanto, essas condições coexistem com relações de solidariedade, ações comunitárias, manifestações culturais e diferentes formas de organização construídas pela própria população.

Nesse sentido, a comunidade apresenta uma realidade na qual as desigualdades socioespaciais convivem com práticas de resistência, pertencimento e transformação. As experiências conhecidas durante o trabalho demonstram que os habitantes não ocupam uma posição passiva diante dos problemas encontrados. Ao contrário, desenvolvem estratégias para enfrentar situações cotidianas, criam espaços de convivência, produzem manifestações culturais e elaboram formas próprias de representar e interpretar a realidade em que estão inseridos.

Como perspectiva, a experiência aponta para a necessidade de ampliar o reconhecimento da Favela dos Eucaliptos e considerar seus habitantes como sujeitos ativos na produção e transformação do espaço. O mapeamento participativo, os projetos comunitários e as ações voltadas à educação, à cultura e à alimentação demonstram a importância de iniciativas que também partam dos conhecimentos e das necessidades identificadas pela própria população. Com isso, compreender essa realidade exige olhar não apenas para aquilo que falta, mas também para aquilo que é construído diariamente. O trabalho de campo contribuiu, assim, para ampliar a compreensão sobre as desigualdades socioespaciais e, simultaneamente, reconhecer a Favela dos Eucaliptos como um lugar de vida, pertencimento, conhecimento e transformação.

Figura 15

CRIANÇAS DA FAVELA OBSERVANDO E IDENTIFICANDO PONTOS DE REFERÊNCIA NO MAPA "TERRITÓRIO DE INFÂNCIA: A BIBLIOTECA E OS PEQUENOS EXPLORADORES DO ALTO E DO BAIXO EUCALIPTOS"



Nota. Fonte :Autoria Própria.

Referências

- Ab'Saber, A. N. (1966). Domínio dos "mares de morros" no Brasil. *Geomorfologia*, 2, 1–9.
https://biblio.fflch.usp.br/AbSaber_AN_1439337_DominioDosMaresDeMorrosNoBrasil.pdf
- Ab'Sáber, A. N. (2003). *Os domínios de natureza no Brasil: Potencialidades paisagísticas*. Ateliê Editorial.
- De Vecchi, A., & Magalhães Júnior, C. A. de O. (2018). Aspectos positivos e negativos da cultura do eucalipto e os efeitos ambientais do seu cultivo. *Revista Valore*, 3(1), 495–507.
<https://revistavalore.emnuvens.com.br/valore/article/view/101/117>
- Ferreira, F. S. (Org.). (2026). *O Sul como Norte: Fazedores de cultura periférica em movimento e suas marcas no mapa da cidade*. Terra Redonda; Rede Beija-Flor.
- Haesbaert, R. (2004). *O mito da desterritorialização: Do "fim dos territórios" à multiterritorialidade*. Bertrand Brasil.
- Sabino, A., & Simões, R. (2013). Geografia e arqueologia: Uma visão do conceito de rugosidades de Milton Santos. *Revista de Arqueologia Pública*, 8, 174–188.
- Santo André. Secretaria de Cultura e Turismo. (s.d.). *Mapeamento cultural colaborativo*. CulturAZ. <https://culturaz.santoandre.sp.gov.br>
- Santos, M. (1998). O retorno do território. In *Território: Globalização e fragmentação*. Hucitec.
- Santos, M. (2000). *Por uma outra globalização: Do pensamento único à consciência universal*. Record.
- Santos, M. (2002). *A natureza do espaço: Técnica e tempo, razão e emoção* (4ª ed.). EdUSP.